

Líderes Apurinã aliciados para apoiar colônias

Contrariando a vontade dos indígenas do Acre, a Funai estabeleceu ali a primeira colônia indígena (PORANTIM nº 105). O Iaminawa José Correia, representante da União das Nações Indígenas (UNI) naquela região, prestou esclarecimentos sobre o problema.

A entrevista foi concedida ao Cimi Regional Amazônia Ocidental, presente a assessora jurídica Ana Paula Souto Maior.

PORANTIM — A Funai diz que a criação das colônias indígenas visa proteger o direito dos índios e a terra e dar-lhes maior assistência no desenvolvimento econômico das comunidades indígenas. Qual sua opinião sobre isso?

José Correia — Isso a Funai diz para convencer as pessoas que não conhecem a situação dos índios no Brasil e o que ela realmente faz. Nós sabemos que o único modo da gente ter nosso direito à terra assegurado, junto com as riquezas naturais que estão nela e nossa cultura, é continuar brigando para a demarcação de nossas terras como ia ser feito antes.

Essa colônia indígena que o Estado quer jogar em cima da gente é uma corrupção contra a população indígena. É tirar o poder do povo indígena dentro de sua própria área. A gente tem um líder formado pela nossa organização. A Funai, hoje, está investindo pesado com dinheiro, para que as lideranças aceitem colônias indígenas. Essas lideranças deixam de ter o poder que tinham, da comunidade, para ter poder econômico; elas deixam de ser lideranças indígenas e passam a ser lideranças do poder econômico. Isso é uma maneira de corromper os índios. É uma maneira de ficar com nossas terras, acabar com nossa cultura e vender nossas riquezas.

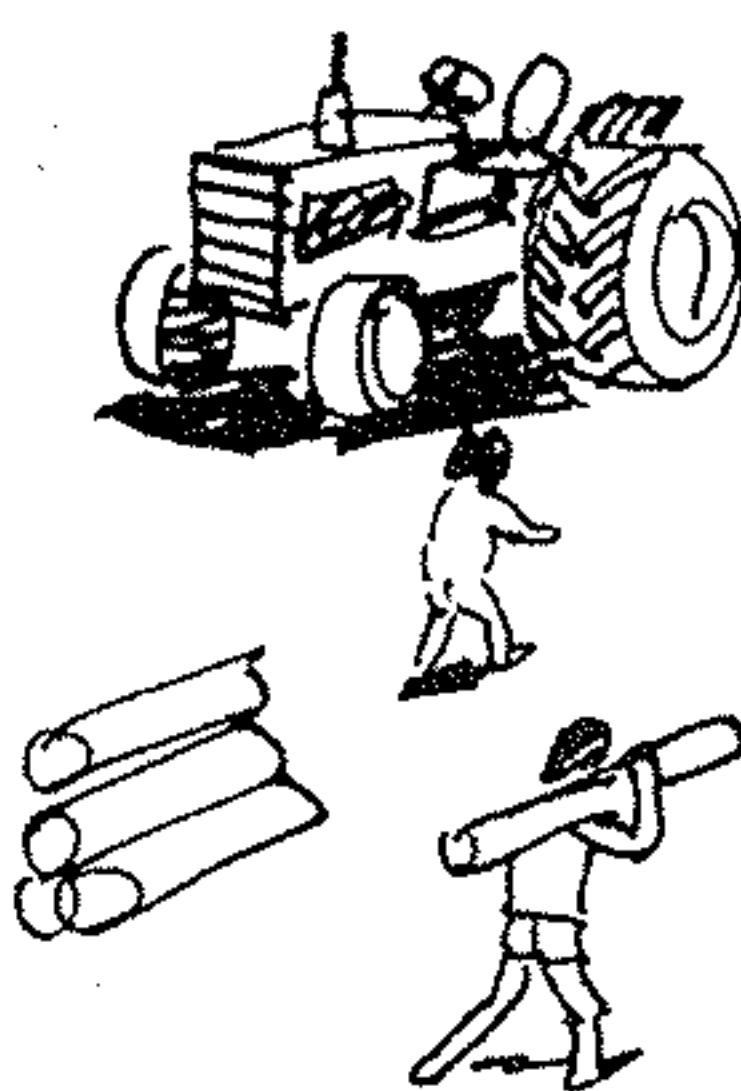
PORANTIM — Como surge esse líder com poder econômico?

José Correia — Em primeiro lugar, a Funai começa a corromper as lideranças mais fortes para, então, dominar, controlar todos os outros índios. A Funai repassa recursos através dessas lideranças, aceita convênios firmados entre empresas mineradoras e alguns poucos índios (em nome de toda a comunidade). Dessa forma, a liderança aliciada volta para a comunidade com uma visão diferente. E essa liderança também corrompe outras pessoas, porque nem todo mundo tem uma visão de comunidade. Sempre tem, em toda sociedade, aqueles que pensam só neles. E pensam assim: "Poxa, agora vou ter que enricar. Vou trabalhar menos e fazer do meu povo escravo". Então o cara faz carreira dentro do poder econômico

e, de seu povo, os escravos, que vão trabalhar pras mineradoras, madeireiras, fazendeiros. Sendo assim, não vai mais ter nenhuma diferença entre um trabalhador brasileiro e um índio. Não vai ter diferença viver numa área indígena ou em qualquer outro lugar.

PORANTIM — Que recursos são esses que a Funai investe?

José Correia — Olha, tem o Projeto Calha Norte, do qual parte dos recursos é investida nas comunidades indígenas. Pela visão que a gente tem do Amazonas, onde fizeram colônias, a Funai não vai mudar de tática. Lá, a Funai di-



minuiu a terra, está dominando os índios e fazendo eles acabarem com a própria cultura e riquezas, como o minério. A Funai diz que o índio tem que se integrar na sociedade nacional. Como é que é isso? Chega até o ponto de dizer que não fazemos parte da sociedade nacional. E nós somos integrados a ela. Somos cidadãos brasileiros, porque vivemos dentro do país brasileiro. Agora, com costumes diferentes, outro modo de viver. Isso tem que ficar bem claro. Não tem como transformar índio em colono.

PORANTIM — Como os Apurinã estão vendo a criação da primeira colônia em suas áreas?

José Correia — A medida em que estão sendo ameaçados, eles se revoltam. Fizeram manifestações em Rio Branco, enviaram uma carta ao presidente Sarney, dizendo que não aceitam a proposta. Nós, da UNI, dos Apurinã, de outros povos indígenas e várias entidades e partidos políticos, somos contra essa medida da Funai e do Conselho de Segurança Nacional.

Doenças aumentam. Febre negra matou 87 pessoas

É calamitosa a situação de saúde dos Apurinã do rio Purus, no Amazonas. Além do alto índice de verminose, doenças venéreas, sarampo, alcoolismo, hanseníase e leishmaniose, eles estão sofrendo, anualmente, a epidemia de febre negra que, no ano de 1987, apenas em algumas áreas matou 87 pessoas. A doença ocorre no período da subida das águas do rio e, embora a Secretaria de Saúde do Amazonas tenha realizado pesquisas no local, sobre o assunto, não chegou a divulgar qualquer resultado.

E para aumentar a gravidade desse quadro, surge agora um novo problema: estão sendo computados até seis casos, por ano, de mortes fetais junto com as das parturien-

tes, sem qualquer explicação real sobre as causas.

Esses dados — que não diferem muito do que ocorre em outras comunidades indígenas do país — foram apresentados no VI Encontro de Saúde Indígena, realizado em Cuiabá, de 13 a 18 de janeiro passado. Os participantes, técnicos de saúde que trabalham em áreas indígenas de vários Estados, responsabilizaram a Funai por omissão e assistência precária a esses povos. O que não é à-toa, pois já foram devidamente comprovados vários casos de câncer mamário e de estômago entre os mesmos Apurinã citados acima, em cujas terras a Funai estabeleceu contratos com empresas madeireiras, cujos lucros serviriam para amenizar a situação.

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Porantim*

Data: *Março 1988*

Class.: *APR 001/85*

Pg: *4*